

OS IMPERADORES SUETONIANOS EM *MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS*

Bruno Torres dos Santos*

RESUMO: O presente trabalho busca discutir, através da análise de traduções próprias, as referências aos imperadores romanos, descritos e consagrados pelo biógrafo Suetônio em *Vida dos Césares*, na obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis. Aquele, no início do século II da era comum, demonstrou os vícios e as virtudes dos imperadores, inclusive, enfatizando os escândalos de suas cortes. Já Machado trouxe à tona as vaidades e as ambições da burguesia brasileira do século XIX. Então, analisaremos e interpretaremos o uso destes personagens históricos para a criação literária no referido romance, partindo do pressuposto de que eles poderiam passar despercebidos por leitores modernos que não recuperassem as referências à cultura, à literatura e à história da Roma Antiga.

PALAVRAS-CHAVE: Machado de Assis; Imperadores romanos; Suetônio.

THE SUETONIAN EMPERORS IN *THE POSTHUMOUS MEMOIRS OF BRAS CUBAS*

ABSTRACT: The present work aims, through the analysis of own translations, the references to the Roman emperors, described and consecrated by the biographer Suetonius in *Life of the Caesars*, in the novel *Posthumous Memoirs of Bras Cubas*, by Machado de Assis. Suetonius, at the beginning of the second century of the common age, demonstrated the vices and virtues of the emperors, including emphasizing the scandals of their courts. Machado has already brought to light the vanities and ambitions of the Brazilian bourgeoisie of the nineteenth century. Then we will analyze and interpret the use of these historical characters for the literary creation in the novel, assuming that they could go unnoticed by modern readers who do not recover references to the culture, literature and history of Ancient Rome.

KEYWORDS: Machado de Assis, Roman emperors, Suetonius.

Entre os mais diversos romancistas com que a literatura brasileira teve contato, não há nome maior do que Machado de Assis. Tal personalidade nasceu no Morro do Livramento,

* É doutorando no PPGLC-UFRJ, bolsista CAPES, sob a orientação do Prof. Dr. Anderson Esteves e integrante discente do grupo de pesquisa ATRIVM – Espaço Interdisciplinar de Estudos da Antiguidade (PPGLC-UFRJ). E-mail: brunots_@hotmail.com

localizado na área central do Rio de Janeiro, próximo a zona portuária, em junho de 1839. Oriundo de família pobre, estudou em escolas públicas, mas nunca frequentou uma universidade. Dedicou-se aos mais diversos gêneros literários, escrevendo poesia, crônica, teatro, conto, romance. Também foi crítico literário e jornalista. Testemunhou a Abolição da Escravatura e as mudanças políticas no Brasil quando o Império foi então substituído pela República, comentando e relatando os respectivos eventos político-sociais. Em 1897, funda a A.B.L. (Academia Brasileira de Letras), da qual permaneceu presidente até sua morte em 1908, com 69 anos.

Ao discorrer sobre a consolidação do nosso sistema literário, o professor Antonio Candido opina sobre Machado, afirmando que ele “era dotado de raro discernimento literário e adquiriu por esforço próprio uma forte cultura intelectual, baseada nos clássicos mas aberta aos filósofos e escritores contemporâneos.” (CANDIDO, 2010, p. 65). E ainda acrescenta:

Sua obra é variada e tem característica das produções eminentes: satisfaz tanto aos requintados quanto aos simples. Ela tem, sobretudo, a possibilidade de ser reinterpretada à medida que o tempo passa, porque, tendo uma dimensão profunda de universalidade, funciona como se se dirigisse a cada época que surge. (CANDIDO, 2010, p. 65)

É esse diálogo entre o clássico e o contemporâneo com pitada filosófica que dá singularidade à sua obra, fazendo com que suas produções sejam sempre atemporais. São esses traços que se mostram mais produtivos para o nosso estudo, no qual pretendemos analisar e interpretar, como os imperadores romanos, descritos pelo biógrafo Suetônio em sua obra, são utilizados por Machado em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*¹. Para tal, julgamos necessário, primeiramente, contextualizar brevemente os autores em apreço, bem como suas obras (*Memórias Póstumas* e *Vida dos Césares*²), os gêneros praticados (Romance e Biografia Antiga) e os tipos de crítica social dos dois autores. Depois disso, analisaremos os excertos do romance machadiano em questão, no qual as presenças dos *principes* (no singular *princeps*, termo latino usado na Roma Antiga para se referir ao que entendemos hoje por *imperador*) se mostrem mais evidentes, para então coligirmos com trechos da obra suetoniana. Para o trabalho com esta obra, utilizaremos a edição da *Loeb Classical Library* (1914), mas com traduções de nossa própria autoria; para o trabalho com aquela, utilizaremos a edição crítica estabelecida pela Editora Civilização Brasileira (1975).

Como já afirmado, Machado praticou os mais diversos gêneros literários. E já demos os merecidos créditos pelo conjunto da obra. Mas devemos frisar que é, na prática sobre o gênero romance que os créditos se mostram mais merecidos, pois é nele que o autor apresenta não só todo o seu *ingenium* (talento natural) mas também toda a sua *ars* (habilidade técnica), para usarmos termos próprios da literatura latina.

Foi esse talento somado a seu espírito galhofeiro que proporcionou a criação de um narrador mais que incomum em *Memórias Póstumas*. Sobre esse narrador, Francisco Silveira discorre que “ele vinha, pelo menos à primeira vista, infringir dois postulados realistas: a impessoalidade e o verismo.” (SILVEIRA, 2001, p. 97) Convergirmos com tal visão, posto que, é com a referida obra e seu respectivo narrador defunto-autor que o Realismo, enquanto estética literária, vai ser “inaugurado” no Brasil em 1881. Não menos importante é a visão de Alfredo Bosi:

¹ Nas próximas remissões a essa obra, usaremos apenas *Memórias Póstumas*.

² Em língua latina, *De uita caesarum*.

Quando o romancista assumiu, naquele livro capital, o foco narrativo, na verdade passou ao defunto-autor Machado-Brás Cubas delegação para exibir, com o despejo dos que nada mais temem, as peças de cinismo e indiferença com que via montada a história dos homens. A revolução dessa obra que parece cavar um fosso entre dois mundos, foi uma revolução ideológica e formal: aprofundando o desprezo às idealizações românticas e ferindo ao cerne o mito do narrador onisciente, que tudo vê e tudo julga, deixou emergir a consciência nua do indivíduo, fraco e incoerente. O que restou foram as memórias de um homem igual a tantos outros, o cauto e desfrutador Brás Cubas. (BOSI, 2006, p. 177)

Entendemos, assim, que o ser humano será analisado sob seu cinismo e sob a indiferença, por um narrador também fraco e cheio de incoerências, rompendo nesse aspecto com a estética Romântica. Bosi ainda acrescenta:

o ponto de vista, um velho tema como o triângulo amoroso já não se carregará do pathos romântico que envolvia herói-heroína-o outro, mas deixará vir à tona os mil e um interesses de posição prestígio e dinheiro, dando a batuta à libido e à vontade de poder que mais regem os passos do homem em sociedade. Da história vulgar do adultério de Brás Cubas-Virgínia-Lobo Neves à triste comédia de equívocos de Rubião-Sofia-Palha (*Quincas Borba*), e desta à tragédia perfeita de Bentinho-Capitu-Escobar (*D. Casmurro*) só aparecem variantes de uma só e mesma lei: não há mais heróis a cumprir missões ou a afirmar a própria vontade; há apenas destinos, destinos sem grandeza. (BOSI, 2006, p. 180)

Observamos o olhar aparentemente “despretensioso” de Machado de Assis, sem a intenção de criar e de se defrontar com personagens heroicos; mas ao lidar com homens-personagens comuns, lidará também com problemas comuns. Ele analisa a psicologia do “homem” com todas as suas peculiaridades: inveja, ganância, ambição. E é a atmosfera burguesa que potencializa esses sentimentos. De todo modo, faz uma “crítica social” sem querer fazê-la. É isso que o aproxima e o distancia de Suetônio, que analisa os retratos morais dos imperadores romanos com todos os vícios e virtudes; mas faz “crítica social” e até propaganda política, de modo velado.

Diferente do esforço na análise da vida e obra de Machado, quem se propõe a estudar o biógrafo Caio Suetônio Tranquilo inicialmente se depara com algumas imprecisões acerca de sua vida. No tocante ao seu local de nascimento, Anderson Esteves, em seu artigo, busca encontrar vestígios da vida de Suetônio em suas próprias obras, nos apontando como mais plausível a ideia segundo a qual este teria nascido em Roma, ou, pelo menos, se estabelecido nessa cidade desde a infância. Ele nos informa sobre a origem e a condição familiar de Suetônio: o avô era de uma condição menos abastada, visto que teria sido um liberto do imperador Cláudio; já seu pai, de uma condição social mais elevada, pois pertencia a ordem dos equestres. (ESTEVEES, 2015, p. 1-7).

É dado como certo que Suetônio teria nascido em 70 E.C., um ano após o conhecido “Ano dos quatro imperadores”, sobre o qual ainda falaremos. Mário Citroni esclarece-nos que em 69 E.C. o pai do biógrafo foi combatente ao lado de Oto, com o grau de *tribunus militum* (tribuno militar). (CITRONI, 2006, p. 971). Não menos importante é o que esclarece Ronald Mellor, segundo ele, o *cognomen* “Tranquilo” atribuído a Suetônio é decorrente do esforço do seu pai na busca pela estabilização da paz após esta terrível guerra civil. (MELLOR, 1999, p. 147).

Conforme observamos, de alguma forma, sua família estava envolvida com as casas imperiais e, dada a condição do seu pai, Suetônio teve a possibilidade de ter uma boa educação na *urbs*, dedicando-se aos estudos de gramática e de retórica. Nessa trajetória instrutiva, o biógrafo torna-se amigo íntimo do renomado senador Plínio, o Jovem. Por influência dessa

amizade, Suetônio consegue alguns cargos de prestígio dentro das cortes imperiais. Durante o principado de Trajano, ele ocupou os postos de *a studiis* (com a função de cuidar dos interesses e das obrigações culturais do imperador) e o de *a bibliothecis* (com a função de cuidar das bibliotecas públicas). Sob o principado de Adriano, ocupou o posto de *ab epistulis* (com a função de redigir a correspondência oficial). (MORENO, 1997, p. 645; CITRONI, 2006, p. 971).

A rede de contato iniciada por seu amigo Plínio permitiu que Suetônio alcançasse as referidas ocupações e, por consequência, o acesso direto aos arquivos imperiais, muitas vezes fundamentais para a feitura da sua obra *De uita caesarum*, na qual discorre sobre os doze primeiros césores de Roma, desde o general Júlio César até o polêmico imperador Domiciano. Cabe considerar que, ele iniciou a composição desse seu *opus magnum*, por volta dos primeiros anos do principado de Adriano, o qual se estendeu entre os anos de 117 e 138 E.C.

Acerca do gênero praticado por Suetônio, devemos considerar que até aqui muito foi usada a terminologia moderna “biografia”, porém convém lembrarmos que esse gênero relativo à escrita de uma vida na Antiguidade, é referido por *bios*, pelos gregos e *uita*, pelos romanos. O termo “biografia”, como salienta Sabina Loriga, só aparece ao longo do século XVII, designando uma obra verídica, fundada numa descrição realista que se opõe a outras formas antigas de escritura idealizadoras do personagem e das circunstâncias de sua vida, tal qual o panegírico, o elogio, a oração fúnebre e a hagiografia. (LORIGA, 2011, p. 17).

A pesquisadora argumenta ainda que, desde sua origem na Antiguidade, a biografia é um gênero híbrido e composto, que, equilibrando-se entre a verdade histórica e a verdade literária, sofreu ao longo do tempo profundas transformações, sobretudo no que diz respeito à escolha e à elaboração dos fatos e do estilo de narração. (LORIGA, 2011, p. 18).

Frente a esses esclarecimentos, avancemos aos excertos de *Memórias Póstumas*, em cujo início, o narrador e protagonista Brás Cubas relata suas lembranças após ter sido vitimado por uma pneumonia. Ele, que pertencia a uma família abastada do século XIX, narra sua morte e seu enterro, em que apareceram apenas onze amigos. Relata diversos períodos da vida: infância, adolescência e fase adulta. Ainda apresenta suas expectativas com o “Emplasto”, um medicamento, por ele inventado, com grande potencial de cura. O narrador reconhece que esse projeto se tornou uma “ideia fixa”, que entendemos como uma ideia difícil de se retirar da cabeça. E é justamente no IV capítulo, intitulado *A idéia fixa* que o narrador machadiano faz a primeira referência a imperadores romanos e ao próprio biógrafo Suetônio:

A minha idéia, depois de tantas cabriolas, constituíra-se idéia fixa. Deus te livre, leitor, de uma idéia fixa; antes um argueiro, antes uma trave no olho. Vê o Cavour; foi a idéia fixa da unidade italiana que o matou. Verdade é que Bismarck não morreu; mas cumpre advertir que a natureza é uma grande caprichosa e a história uma eterna loureira. Por exemplo, Suetônio deu-nos um Cláudio, que era um simplório, — ou “uma abóbora” como lhe chamou Sêneca, e um Tito, que mereceu ser as delícias de Roma. Veio modernamente um professor e achou meio de demonstrar que dos dois césores, o delicioso, o verdadeiro delicioso, foi o “abóbora” de Sêneca. E tu, madama Lucrecia, flor dos Bórgias, se um poeta te pintou como a Messalina católica, apareceu um Gregorovius incrédulo que te apagou muito essa qualidade, e, se não vieste a lírio, também não ficaste pântano. Eu deixo-me estar entre o poeta e o sábio. (Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, cap. IV, p. 103)³

³ Para facilitar a leitura, usaremos tal forma nas referências a esta obra que compõe nossa documentação textual. Para as referências às biografias de *Vida dos Césares*, adotamos as abreviações do renomado *The Oxford Latin Dictionary*. (<https://www.oxfordscholarlyeditions.com/page/abbreviations>, acessado em 25/10/2019).

Nesse discurso metalinguístico, dirigido diretamente ao leitor, a fim de exemplificar a própria noção de “ideia fixa”, Brás Cubas evidencia que Suetônio, o qual ressignificou a “ideia” do filósofo estoico Sêneca, teve a sua “ideia” ressignificada por um professor moderno. Diferentemente do biógrafo Suetônio bem como os imperadores que ele “nos deu”, que foram personagens históricas, o referido professor não o foi.

Então passemos a essas referências: o primeiro imperador citado é Tibério Cláudio Druso. Brás Cubas adjetiva o Cláudio, de Suetônio, como um “simplório”, que é assim descrito na biografia suetoniana:

Infans autem relictus a patre ac per omne fere pueritiae atque adulescentiae tempus variis et tenacibus morbis conflictatus est, adeo ut animo simul et corpore hebetato ne progressa quidem aetate ulli publico privatoque muneri habilis existimaretur. (Suet. Cl. 2.1)

No entanto era criança quando foi abandonado pelo pai e, por quase todo o tempo da primeira infância e adolescência, foi acometido por várias doenças persistentes, de tal modo que estivesse ao mesmo tempo com o espírito e com o corpo debilitado, foi, certamente, por conta de sua idade avançada, estimado como não apto para cargo no âmbito público e no âmbito privado.

Posteriormente Suetônio faz o seguinte relato sobre a inesperada subida ao trono após o assassinato do sobrinho Calígula:

Per haec ac talia maxima aetatis parte transacta quinquagesimo anno imperium cepit quantumvis mirabili casu. Exclusus inter ceteros ab insidiatoribus Gai, cum quasi secretum eo desiderante turbam submoverent, in diaetam, cui nomen est Hermaeum, recesserat; neque multo post rumore caedis exterritus prorepsit ad solarium proximum interque praetenta foribus vela se abdidit. Latentem discurrens forte gregarius miles, animadversis pedibus, studio sciscitandi quisnam esset, adgnovit extractumque et prae metu ad genua sibi accidentem imperatorem salutavit. (Suet. Cl.10. 1-2)

Por estas e outras coisas semelhantes, tendo passado muito do tempo, assumiu o império só com cinquenta anos, através de um caso extremamente interessante. Excluído, entre os outros, pelos assassinos de Caio Calígula, quando sob o pretexto de expulsarem a multidão, e desejando ele um lugar isolado, retirou-se para um pavilhão, ao qual chamam de “Herméu”. E não muito depois, aterrorizado com a notícia da morte, avançou se arrastando para uma galeria solar próxima e se escondeu entre as cortinas postas diante das portas. Tendo os pés sido observados, um soldado raso, correndo de uma parte a outra, com uma forte curiosidade, procurou saber quem estaria escondido e reconheceu quem por ele foi retirado do esconderijo. Diante do medo, Cláudio se prostrou aos seus pés, o soldado o saudou como imperador.

Notamos que um eventual olhar do narrador machadiano sobre a dinastia julio-claudiana, sempre lembrada no pensamento ocidental pelos excelentes generais como Júlio César e Augusto e pelos polêmicos Tibério, Calígula e Nero pode justificar a análise de Cláudio como um personagem *simplório*. Isso se dá mesmo este tendo conquistado diversas regiões e tido boa aceitação pelo povo romano, pois, como percebemos nos excertos de sua biografia, Suetônio fez ressoar sua fraqueza de espírito, inaptidão para o governo e a covardia. Cabe lembrar ainda que, numa leitura completa da biografia do imperador, ele aparece como um brinquedo nas mãos das próprias esposas. Primeiramente, Valéria Messalina (a mesma referida no capítulo em questão das *Memórias Póstumas*) tentou entregar o Império nas mãos de um de seus amantes,

C. Sílio; mas, sem sucesso, foi por Cláudio condenada e executada. Já viúvo, ele se casa com Agripina, que trama pela sua morte para legar o trono a seu filho Nero.

Justifica-se assim também o seu retrato como uma “abóbora” na obra *Apocoloquintose*, na qual o filósofo e tragediógrafo Sêneca, que foi banido de Roma por Cláudio, em 41, em razão de intrigas palacianas, critica ironicamente o recém-assassinado imperador. Horácio Rolim de Freitas explica que:

O título inicial seria *Ludus de morte Claudii*. O historiador Dion Cássio sugeriu que o título tenha sido Apocolocytosis (transformação em abóbora) do grego *Ἀποκολοκύνθοσις*. Título curioso, mas era entendido pelos leitores da época, pois abóbora (*ποκολοκύντης*) era símbolo da estupidez. (FREITAS, 2010, p. 13)

Para compreendermos isso, devemos nos lembrar de um aspecto cultural importante na Roma Antiga – a Apoteose. A cerimônia de deificação que ocorria durante os funerais dos iminentes césares, iniciada por Otávio, a partir da morte de seu tio Júlio César. Ou seja, o argumento da obra senequiana é parodiar a narração às avessas da apoteose de Cláudio, relatando como o morto foi recebido nos infernos pelos deuses, transformando-se no alegórico legume.

O segundo imperador citado, nesse IV capítulo de *Memórias Póstumas*, foi Tito Vespasiano Augusto. Tito foi o segundo *princeps* da dinastia flaviana. Era o filho mais velho de Vespasiano e irmão de Domiciano, os quais também serão citados por Brás Cubas ao longo do romance. Depois da morte de seu pai, Tito assume as rédeas do Império, atuando de modo similar a ele, com excelência no campo militar e com moderação no campo político, foi visto como um bom imperador por Roma. Por essa razão é descrito por Suetônio, logo no primeiro capítulo de sua biografia como: “Tito, tendo o cognome do pai, foi o amor e as delícias do gênero humano. Tanto de inteligência, de habilidade e de fortuna abundava nele que ganhava a simpatia de todos, o que é muito difícil, durante um governo” (*Titus, cognomine paterno, amor ac deliciae generis humani – tantum illi ad promerendam omnium voluntatem vel ingenii vel artis vel fortunae superfuit, et, quod difficillimum est, in império (...)*) (Suet. *Tit.* 1.1). Com essa seleção vocabular, Suetônio “nos dá” o retrato de um imperador diferente de Cláudio. É esse retrato, com vastos predicados perante a humanidade, que serviu de fonte para Machado de Assis fazer o jogo de palavras com o termo “delícia”, na “ideia fixa” de um professor.

Para encerrar a análise do capítulo, convém observar a segunda referência a tais *principes*, em: “Viva pois a história, a volúvel história que dá para tudo; e, tornando à idéia fixa, direi que é ela a que faz os varões fortes e os doudos; a idéia móbil, vaga ou furta-cor é a que faz os Cláudios, — formula Suetônio.” (Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, cap. IV, p. 103). O Bruxo do Cosme Velho brinca com o gênero historiográfico, ao qual o gênero biográfico está aparentado. Chamando a história de volúvel, ele usa novamente o verbo “dar”. Em nossa interpretação, o narrador quer reforçar que a história “dá” na acepção de “promover” diversos retratos, sejam eles positivos ou negativos, a depender da “ideia” que cada personagem possui. Esse *modus operandi* da formulação de Suetônio muito se relaciona com o de Machado.

Avancemos agora ao capítulo XXIII de *Memórias Póstumas*, intitulado *Triste, mas curto*. Em tal capítulo, Cubas narra sua chegada ao Rio de Janeiro e a sensação de rever os locais de sua infância, a tristeza de sua família e o sofrimento de sua progenitora. Quando vê sua mãe com quem não tinha contato há nove anos, acha-a pálida e sem soltar uma palavra sequer, pega em suas mãos. No dia seguinte, ela vem a falecer, sendo a primeira vez que ele teria tido contato com a morte de perto de uma pessoa amada. Neste ínterim, ele faz referência a mais um César descrito por Suetônio, o próprio Júlio César, que, embora não tenha chegado a ser um “imperador”, enquanto chefe de estado, é ele quem “desenha” o que viria a ser o Império

romano, iniciado por seu sobrinho-neto Otaviano. Por essa razão, também incluímos tal general em nossas análises, e é assim referenciado no romance:

Longa foi a agonia, longa e cruel, de uma crueldade minuciosa, fria, repisada, que me encheu de dor e estupefação. Era a primeira vez que eu via morrer alguém. Conhecia a morte de outiva; quando muito, tinha-a visto já petrificada no rosto de algum cadáver, que acompanhei ao cemitério, ou trazia-lhe a idéa embrulhada nas amplificações de retórica dos professores de coisas antigas, — a morte aleivosa de César, a austera de Sócrates, a orgulhosa de Catão. (Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, cap. XXIII, p. 145)

Nas referidas amplificações retóricas, ressoa a morte do filósofo Sócrates, a qual, de fato, ficou no imaginário ocidental, como uma morte “austera”, dado o fato de ele ter se mantido firme em suas ideias “corruptoras” dos jovens atenienses até a hora de seu óbito. A morte de Catão, o Jovem também é adjetivada por Brás Cubas, porém, como “orgulhosa”. A respectiva adjetivação se apresenta com êxito, dado o fato de Catão ter sido um político romano notável por sua integridade moral. Sendo ele ainda partidário da filosofia estoica, descrito pelo historiador Salústio como a antítese direta de Júlio César, suicidou-se após a vitória deste seu opositor na Batalha de Tapso.

Concentremo-nos, porém na morte de César, mesmo que não haja nenhuma associação direta dele com o biógrafo, diferentemente dos excertos com os imperadores anteriores, isso não nos impede de relacioná-los. O narrador machadiano adjetiva tal morte como “aleivosa”, denotando a atmosfera da traição pela qual César passou no Senado romano, relatada em sua biografia deste modo:

Assidentem conspirati specie officii circumsteterunt, ilicoque Cimber Tillius, qui primas partes susceperat, quasi aliquid rogaturus propius accessit renuentique et gestu in aliud tempus differenti ab utroque uero togam adprehendit; deinde clamantem: “Ista quidem vis est!” alter e Cascis aversum vulnerat paulum infra iugulum. Caesar Cascae brachium arreptum graphio traiecit conatusque prosilire alio vulnere tardatus est; utque animadvertit undique se strictis pugionibus peti, toga caput obvoluit, simul sinistra manu sinum ad ima crura deduxit, quo honestius caderet etiam inferiore corporis parte velata. Atque ita tribus et viginti plagis confossus est uno modo ad primum ictum gemitu sine voce edito, etsi tradiderunt quidam Marco Bruto irruenti dixisse: καὶ σὸ τέκνον. (Suet. Jul. 82. 1-2)

Os que haviam concordado com a natureza do trabalho rodeavam aquele que estava sentado. Sem demorar, Címber Tílio, que se encarregava dos primeiros papéis, como se houvesse de falar algo, caminhou para mais perto. César, negando através de um gesto contrário, passou-o para outro momento. Por ambos os lados aquele apertou sua toga. Então César clamou: “Isso é verdadeiramente uma violência!”. Um dos Cascas já lhe tinha ferido por trás um pouco abaixo da garganta. Com um ponteiro, furou com um ponteiro o braço arrebatado de Casca e o impulso de arremeter foi detido por uma outra ferida. Mas quando observou que seria tomado por robustos punhais por todos os lados, cobriu a cabeça com a toga. Ao mesmo tempo, com a mão esquerda conduziu a dobra da veste até as extremidades das pernas, de modo que, já estando com a parte inferior do corpo coberta, caísse mais honrosamente. Desta maneira, foi dilacerado por vinte e três golpes. Até a primeira ferida, teria produzido apenas um gemido sem uma palavra sequer, embora alguns afirmem que, com o ataque de Marco Bruto, teria dito: “Também tu, meu filho!”

Como reconhecemos, esses escritos de Suetônio, com grande carga dramática, foram grandes responsáveis por propagar no imaginário do mundo ocidental este evento que mudou

os rumos da Roma Antiga. Machado de Assis foi cirúrgico ao usar a palavra *aleivosa* para qualificar a morte de César, a qual condensa toda a ideia da conjuração. Muito provavelmente, teve acesso a isso através da referida biografia.

Podemos avançar ao capítulo LXXII do romance, cujo título é *O bibliômano*, no qual o defunto-autor confessa que deveria suprimir o capítulo antecedente, alegando haver nele um *despropósito* acerca do qual não gostaria de receber críticas. Afirma que setenta anos à frente, este leitor, que é por ele caracterizado e denominado “bibliômano”, procuraria minuciosamente o tal “despropósito”; porém, sem êxito, não encontraria. Em seguida, explica que ele não o encontraria pelo simples fato de ele não existir, já que foi suprimido. Discorre ainda que isso não causaria o desinteresse do leitor sobre o livro e que, pelo contrário, ele o adoraria, por ser um exemplar único. O bibliômano continua sua procura, mas mesmo sem sucesso se contenta com o fato de dispor do único tomo:

Já prometeu a si mesmo escrever uma breve memória, na qual relate o achado do livro e a descoberta da sublimidade, se a houver por baixo daquela frase obscura. Ao cabo, não descobre nada e contenta-se com a posse. Fecha o livro, mira-o, remira-o, chega-se à janela e mostra-o ao sol.

Um exemplar único! Nesse momento passa-lhe por baixo da janela um César ou um Cromwell, a caminho do poder. Ele dá de ombros, fecha a janela, estira-se na rede e folheia o livro de vagar, com amor, aos goles... Um exemplar único! (Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, cap. LXXII, p. 209-210)

Neste excerto, em que Brás Cubas mantém sua divagação sobre o *despropósito*, da mesma forma que fez com a noção de *ideia fixa*, notamos a segunda referência ao general Júlio César. A menção a César e a Cromwell visa ilustrar o modo como uma pessoa estaria transitando pela rua “a caminho do poder”. Oliver Cromwell foi um comandante militar e político nascido na nobreza rural inglesa em 1599. Em 1630, passa por uma conversão religiosa, e reconhecendo-se como um Puritano, acreditava que Deus era quem o guiava em suas vitórias, sendo muito ativo durante a Guerra Civil Inglesa. Mas quem mais nos interessa é o outro político e militar – Júlio César – e este nome, associado à expressão “caminho do poder”, leva-nos a lembrar de outro aspecto cultural da Roma Antiga – a travessia ao Rio Rubicão. Já durante a República esse rio, que dividia a província da Gália Cisalpina (ao norte) do resto da Itália (ao sul), era de suma importância, visto que a lei romana proibia que fosse transpassado por quaisquer legiões do exército romano, caso isso fosse feito, denotaria uma ameaça militar interna.

Resumidamente, os sucessos de César na Gália acarretaram o aumento de seu poder, de sua popularidade e da ira de seus inimigos. Estes, influenciados por Catão, o Jovem (também já referido no romance de Machado), tentaram promover sua ruína política. Em 50 A.E.C., o Senado aprovou uma moção para que César fosse retirado do cargo de governador na Gália. Marco Antônio, embaçado pelo poder de tribuno do povo, vetou a proposta. Após isso, houve uma intensa perseguição aos partidários de Júlio César. Antônio precisou deixar Roma por conta da alta probabilidade de ser assassinado e, sem oposição do Senado, declarou estado de emergência, delegando poderes excepcionais a Pompeu Magno. César retrucou isso com a famosa cruzada, assim relatada por Suetônio:

Dein post solis occasum mulis e proximo pistrino ad vehiculum iunctis occultissimum iter modico comitatu ingressus est; et cum luminibus extinctis decessisset via, diu errabundus tandem ad lucem duce reperto per angustissimos tramites pedibus evasit. Consecutusque cohortis ad Rubiconem flumen, qui provinciae eius finis erat, paulum constitit, ac reputans quantum moliretur, conversus ad proximos: “Etiam nunc,” inquit, “regredi possumus; quod si ponticulum transierimus, omnia armis agenda erunt.” (Suet. Jul. 31. 2)

Em seguida, após o pôr do Sol, atadas as mulas, desde o moinho mais próximo até o veículo mais escondido, começou o caminho com uma modesta caravana. Com as luzes acabando, ia-se embora pelo caminho. Então, durante o dia, tendo aparecido um guia, com pés errantes, evadiu pelas mais estreitas veredas. E, acompanhado pelas coortes até o rio Rubicão, que traça o limite de sua província, parou um pouco, e calculou o quanto se moveu, virou-se aos mais próximos e disse: “Até agora podemos recuar, porque se atravessarmos a pequena ponte, todas as coisas deverão ser feitas através das armas.”

Cunctanti ostentum tale factum est. Quidam eximia magnitudine et forma in proximo sedens repente apparuit harundine canens; ad quem audiendum cum praeter pastores plurimi etiam ex stationibus milites concurrissent interque eos et aeneatores, rapta ab uno tuba prosilivit ad flumen et ingenti spiritu classicum exorsus pertendit ad alteram ripam. Tunc Caesar: “Eatur,” inquit, “quo deorum ostenta et inimicorum iniquitas vocat. Iacta alea est,” inquit. (Suet. Jul. 32)

Com ele ainda de tal modo titubeando, foi eficaz um prodígio. Apareceu, de repente, ali próximo, uma certa pessoa que estava sentada tocando com uma flauta exímia em grandeza e forma. Para o ouvirem, correram muitos pastores, também muitos soldados das guarnições, entre eles alguns tocadores de trombeta. Com a trombeta tomada de um deles, o músico lançou-se ao rio. E, com um imenso vigor, realizou um toque introdutório até a outra margem do rio. Então, disse César: “Vamos para onde o sinal dos deuses e a hostilidade dos inimigos nos chamam. A sorte está lançada.”

Como já frisamos, por parte do narrador de Machado, não há nenhuma referência direta desse César ao biógrafo Suetônio; mas, vemos relações diretas entre o ato da desconhecida pessoa “a caminho do poder” e os atos do general romano. Mais uma vez, o autor foi cirúrgico no uso da expressão destacada, para a qual muito provavelmente teve acesso ao excerto de Suetônio, cujo conteúdo também faz parte do imaginário ocidental – a travessia ao rio Rubicão, antecedida da frase “A sorte está lançada”. Cabe lembrar que Machado já usara a expressão no capítulo XIII, de seu romance *Helena*, publicado em 1876, quando o personagem Estácio, na tentativa de esquecer o amor pela protagonista Helena, decide pedir Eugênia em casamento:

Naquela mesma noite, ouviu Eugênia a esperada palavra. A alegria que se lhe derramou nos olhos, foi imensa e característica. Um pouco mais de recato não era descabido em tal ocasião. Não houve nenhum; o primeiro ato da mulher foi uma meninice. Eugênia ignorava tudo, até a dissimulação do sexo. Concedendo a mão a Estácio, não era uma castelã que entregava o prêmio, mas um cavaleiro que o recebia com alvoroço e submissão.

Transposto o Rubicon, não havia mais que caminhar direito à cidade eterna do matrimônio. Estácio escreveu no dia seguinte uma carta ao Dr. Camargo, pedindo-lhe a mão de Eugênia, carta seca e digna, como as circunstâncias a pediam. (Machado de Assis, *Helena*, cap. XIII, p. 133)

Terminadas as referências ao instaurador da dinastia júlio-claudiana, façamos um salto ao capítulo CXVI, intitulado *Filosofia das folhas velhas*, no qual, Brás Cubas, alega ter ficado tão triste com o capítulo anterior a este⁴, pelo fato de sua amante Virgília ter embarcado para a Europa. No capítulo CXVI, vemos referência a outro imperador, associado ao escrito suetoniano, nesse caso trata-se, do já referido Domiciano.

Após um governo moderado de dez anos, o do seu pai Vespasiano, seguido por outro governo também moderado de apenas dois anos, o do seu irmão Tito, de modo contrário,

⁴ O capítulo CXV, intitulado *O almoço*.

Domiciano assume com bastante autoritarismo. Durante seus quinze anos de governo, o último imperador flaviano cometeu assassinatos de diversos cidadãos importantes, incluindo senadores. Essas razões acarretaram numa conjuração para a sua morte. E diferente do seu pai e irmão que foram divinizados após a morte, Domiciano “recebeu” do Senado um decreto para a sua *damnatio memoriae*, essa danação da memória significava as retiradas de suas imagens em bustos, inscrições etc.

Esclarecidos esses pontos sobre o imperador Domiciano, voltemos a Brás Cubas. O narrador inicia o referido capítulo em questão, refletindo pela metalinguagem: “Fiquei tão triste com o fim do último capítulo que estava capaz de não escrever este, descansar um pouco, purgar o espírito da melancolia que o empacha, e continuar depois. Mas não, não quero perder tempo.” (Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, cap. CXVI, p. 258) e continua a reflexão:

A partida de Virgília deu-me uma amostra da viuvez. Nos primeiros dias meti-me em casa, a fisgar moscas, como Domiciano, se não mente o Suetônio, mas a fisgá-las de um modo particular: com os olhos. Fisgava-as uma a uma, no fundo de uma sala grande, estirado na rede, com um livro aberto entre as mãos. (Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, cap. CXVI, p. 258)

O narrador-personagem machadiano, Brás Cubas, discorre sobre seu desgosto pela vida e sobre a monotonia à qual estava submetido após a partida da mulher “extraconjugalmente” amada, Virgília. Notamos que, para ilustrar, de modo exagerado o desânimo por parte de Brás Cubas, sendo esse abatimento comparado a uma viuvez, Machado de Assis apresenta seu defunto-autor de um modo tão ocioso que fisgava as moscas apenas com os olhos. Ou seja, ele é apresentado mais ociosamente que o imperador Domiciano, que espetava moscas. A fim de captarmos essa menção, valemo-nos do capítulo 3 da biografia de Domiciano:

Inter initia principatus cotidie secretum sibi horarum sumere solebat nec quicquam amplius quam muscas captare ac stilo praeacuto configere, ut cuidam interroganti, essetne quis intus cum Caesare, non absurde responsum sit a Vibio Crispo, ne muscam quidem. (Suet. Dom. 3)

Durante os inícios de seu principado, solitário, estava ele habituado, diariamente pelas horas, a colher para si nada mais que moscas e prender com um estilete pontudo. Para uma certa interrogação, se acaso não tinha ninguém dentro do local com César, de modo adequado, teria sido respondido por Víbio Crispo, que não, que nem mesmo uma mosca.

Notamos então que, se por um lado, através da intertextualidade, Machado se volta para o Domiciano de Suetônio, com o intuito de descortinar o estado de alma de Brás Cubas, por outro, Suetônio apresenta essa anedota das moscas para condicionar seu leitor a um juízo negativo sobre o retrato moral de Domiciano, que nada fazia em prol da burocracia pública no início de seu principado. Essa anedota sobre Domiciano com Víbio Crispo enquanto locutor, jamais deixaria de ser apresentada por Suetônio, haja vista que os atos burocráticos, bem como as ações militares e diplomáticas faziam parte das temáticas de suas biografias. Somos tentados a crer que o fato de Suetônio ser oriundo da ordem dos equestres e, mais tarde, ter assumido algumas funções públicas durante o principado de Trajano e de Adriano, também teria contribuído para sua atenção a esses tipos de chistes.

Embora Suetônio não seja visto como um historiógrafo, mas sim como um erudito biógrafo e não tenha pertencido à ordem senatorial, sabemos que ele enveredou pela tradição

historiográfica senatorial, isto é, aquela que retratava moralmente bem os imperadores favoráveis ao Senado e moralmente mal os refratários a esse corpo. Isso talvez tenha se dado graças ao seu contato com o influente senador Plínio, o Jovem, e, ao participar do seu círculo de amizades, também teve contato com os historiadores Tácito e Fábio Rústico. Podemos depreender que Domiciano não deixou de apresentar motivos para ser exageradamente mal retratado pela pena suetoniana e, por isso, a ressalva de Brás Cubas que diz: “se não mente o Suetônio”.

Avancemos ao capítulo CLII, intitulado *A moeda de Vespasiano*, no qual encontramos a última menção, feita desde seu título, a um imperador romano retratado por Suetônio. Em tal capítulo, na volta do enterro de Lobo Neves, Brás Cubas refletia sobre o choro, mais precisamente, sobre os soluços sinceros da sua amante Virgília para o marido ao qual tinha traído com igual sinceridade.

Já sabemos algumas informações acerca do César em questão, todavia, vale reforçar que foi ele quem saiu vitorioso do conhecido historicamente Ano dos Quatro Imperadores, em 69. Após o suicídio, ocorrido em 68, do último júlio-claudiano – o polêmico Nero –, que não havia deixado ninguém para linha sucessória, os generais Galba, Otão, Vitélio e Vespasiano, através de sucessivos confrontos armados, guerrearam entre si, ansiando o trono deixado por Nero. Com a vitória de Vespasiano, é instaurada a dinastia flaviana. Então passemos ao curto capítulo das *Memórias Póstumas* em completude:

Tinham ido todos; só o meu carro esperava pelo dono. Accendi um charuto; afastei-me do cemitério. Não podia sacudir dos olhos a cerimônia do enterro, nem dos ouvidos os soluços de Virgília. Os soluços, principalmente, tinham o som vago e misterioso de um problema. Virgília traía o marido, com sinceridade, e agora chorava-o com sinceridade. Eis uma combinação difícil que não pude fazer em todo o trajecto; em casa, porém, apeando-me do carro, suspeitei que a combinação era possível, e até fácil. Meiga Natura! A taxa da dor é como a moeda de Vespasiano; não cheira à origem, e tanto se colhe do mal como do bem. A moral repreenderá, porventura, a minha cúmplice; é o que te não importa, implacável amiga, uma vez que lhe recebeste pontualmente as lágrimas. Meiga, três vezes Meiga Natura! (Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, cap. CLII, p. 294)

Percebemos que na busca pela análise do estado de alma de sua amada Virgília, o narrador Brás Cubas reverbera que “A taxa da dor é como a moeda de Vespasiano; não cheira à origem, e tanto se colhe do mal como do bem”. Mas de onde ele teria tirado essas relações semânticas entre o imperador Vespasiano-moeda-taxa-cheiro? Pois bem. Mais uma vez, quem nos traz a resposta é Suetônio:

Reprehendenti filio Tito, quod etiam urinae vectigal commentus esset, pecuniam ex prima pensione admovit ad nares, sciscitans num odore offenderetur; et illo negante: “Atquin, inquit, e lotio est”. (Suet. Vesp. 23.3)

Repreendeu seu filho Tito, porque ele Vespasiano teria inventado um imposto sobre a urina que por aquele foi advertido, então aproximou o dinheiro do primeiro pagamento desse tributo do nariz de Tito. E perguntando-o se acaso não se sentia incomodado com odor, e Tito negando, Vespasiano respondeu: No entanto, é proveniente da urina.”

Na curiosa anedota, Vespasiano, criador de um imposto sobre a urina, pois muitos comerciantes as retiravam das latrinas públicas e as utilizavam para curtir os tecidos que vendiam, repreende o primogênito por ter discordado inicialmente da ideia. Não temos dúvidas

de que Machado de Assis teve acesso a essa biografia para usar com propriedade em seu romance, nessa cena em que seu narrador busca explicações para fatos aparentemente contraditórios.

Esse excursão pelas duas obras aparentemente distantes e des-relacionadas nos deu a lição de que o narratário, enquanto entidade leitora fictícia, compreende e decodifica os aspectos concernentes às personalidades em apreço, os *princepes*, no entanto, para o leitor ideal isso se mostra mais obscuro. Machado de Assis aproveita os questionáveis retratos dos césares de Suetônio para enriquecer sua obra literária.

Assim, contribuindo mais para a compreensão do romance machadiano, pela análise da tradução, a qual nos permitiu o estudo sobre as referências à história, à cultura e à literatura da Roma Antiga, cristalizados pelos Cláudio, Tito, César, Domiciano e Vespasiano suetonianos, os esforços empreendidos terão alcançado seu objetivo nessas ressignificações. Se as referências e os eventos atrelados a esses césares que nos foram “dados” pelas biografias de Suetônio tiverem sido descortinados dentro das *Memórias Póstumas*, de Machado de Assis, podemos ficar sem “ideias fixas” de que criamos “despropósitos”.

ÍNDICE DE ABREVIACÕES

Suet. *Cl.* (Suetônio, *Cláudio*)
Suet. *Dom.* (Suetônio, *Domiciano*)
Suet. *Jul.* (Suetônio, *Júlio César*)
Suet. *Tit.* (Suetônio, *Tito*)
Suet. *Ves.* (Suet, *Vespasiano*)

DOCUMENTAÇÃO TEXTUAL

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1975.

_____. **Helena**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1975.

SUETONIUS. **Lives of the Caesars, Volume I: Julius. Augustus. Tiberius. Gaius. Caligula**. Translated by J. C. Rolfe. Introduction by K. R. Bradley. Loeb Classical Library 31. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1914

_____. **Lives of the Caesars, Volume II: Claudius. Nero. Galba, Otho, and Vitellius. Vespasian. Titus, Domitian. Lives of Illustrious Men: Grammarians and Rhetoricians. Poets (Terence. Virgil. Horace. Tibullus. Persius. Lucan). Lives of Pliny the Elder and Passienus Crispus**. Translated by J. C. Rolfe. Loeb Classical Library 38. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1914.

REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 43ªed. São Paulo: Cultrix, 2006.

CANDIDO, Antonio. O sistema literário consolidado. In: **Iniciação à literatura Brasileira**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2010, p.65-126.

CITRONI, Mário (Dir.). CITRONI, M.;CONSOLINO, F.E.;LABATE, M.; NARDUCCI (orgs.). **Literatura de Roma Antiga**. Co-autores da tradução: Margarida Miranda e Isaías Hipólito. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2006.

ESTEVES, Anderson Martins. Biografia na biografia: Vestígios da vida de Suetônio em suas obras. **Principia** – Revista do Departamento de Letras Clássicas e Orientais do Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Ano 18, n.XXX, p.1-7, 2015.

FREITAS, Horácio. Apoloquintose. In: SILVA, Amós; FREITAS, Horácio (orgs.). **Um estudo de Olmar Guterres da Silveira: Apocolocintose, de Sêneca**. Rio de Janeiro: Editora Caetés, 2010, p. 13-18.

LORIGA, Sabina. O limiar biográfico. In: **O pequeno x: da biografia à história**. Tradução: Fernando Sheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011, p.17-48.

MELLOR, Ronald. **The roman historians**. New York: Routledge, 1999.

MORENO, Isabel. Historiografía – Siglo II- Suetônio. In: CODOÑER, Carmen (Ed.). **Historia de la literatura latina**. Madrid: Catedra, 1997, p.643-652.

SILVEIRA, Francisco Maciel. O conto machadiano ou “a realidade é boa, o Realismo é que não presta”. **Veredas** – revista da Associação Internacional de Lusitanistas, Porto, 4º volume, p.95-103, 2001.